

GRUPO SOBREVENTO
APRESENTA

PARA MARIELA



COMENTÁRIOS DA CRÍTICA

“Este espetáculo é um poema visual que nos leva a cartografar os chãos de onde viemos, cavucar a memória e dançar nossos trajetos mais tortuosos. Sim, nos fazemos em curva. Sempre rumando e voltando. Um espetáculo que é também um ato político, de escuta, troca e convivência, uma busca por se avizinhar cada vez mais.” **Gabriela Romeu**

“A participação das crianças da plateia é a coisa mais emocionante desse momento que cada um de nós sente um lampejo de esperança no futuro. E é isso que o espetáculo faz, nos ajuda a sentir a vida com mais paciência e mais esperança” **José Cetra – Palco Paulistano**

“Para Mariela é um espetáculo que combina, de forma sensível e inventiva, o teatro de objetos, a cultura boliviana e a poesia do cotidiano. Através de uma linguagem visual marcada pela simplicidade e pelo afeto, o Grupo Sobrevento convida o público a refletir sobre os sonhos que movem a vida, especialmente em meio às adversidades da imigração. A peça é uma celebração da humanidade e dos vínculos que nos unem, independentemente das fronteiras” **Bob Sousa**

“Uma sucessão de poesias cênicas em seu estado mais puro. Bom gosto extremo. Senso estético praticado na rédea curta. Exercícios de delicadeza. O espetáculo se acomoda em nós independentemente do volume de memórias já acumuladas. O público vai percebendo isso aos poucos, deixando-se levar por sucessivos encantamentos, querendo que a ‘viagem’ não acabe mais. Querendo que a vida seja isso eternamente: uma peça infinita do Sobrevento sobre afeto.” **Dib Carneiro Neto – Pecinha é a Vovozinha**

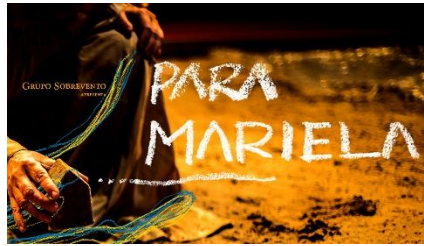


Formado em 1986, o GRUPO SOBREVENTO é um grupo profissional de Teatro que mantém um repertório de espetáculos e que se dedica à pesquisa, teórica e prática, da animação de bonecos, formas e objetos. Desde sua fundação, o Grupo mantém um trabalho estável e ininterrupto e tem-se apresentado em mais de uma centena de cidades de 23 estados brasileiros. O SOBREVENTO esteve, também, no Peru (1988), Chile (1996, 2002, 2009, 2010 e 2017), Espanha (1997, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2014 e 2018), Colômbia (1998 e 2002), Escócia (2000), Irlanda (2000), Argentina (2001), Angola (2004), Irã (2010), México (2010), Suécia (2011), Estônia (2011), Inglaterra (2013), França (2017), Eslováquia (2018), China (2017 e 2019), Índia (2020) e Cuba (2023), representando o Brasil em alguns dos mais importantes Festivais Internacionais de Teatro e de Teatro de Bonecos.

Os espetáculos do Grupo são muito diferentes entre si, quer seja na temática, quer seja na forma, na técnica de animação empregada, no espaço a que se destina ou no público a que se dirige. Têm recebido, constantemente, Prêmios ou indicações para Prêmios da importância do Mambembe (Funarte/Ministério da Cultura), Coca-Cola, Shell, APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Maria Mazzetti (RioArte), sendo sempre apontados pela crítica especializada entre os melhores de suas temporadas. Por duas vezes consecutivas, em 1994 e em 1995, o SOBREVENTO recebeu do Ministério da Cultura o Prêmio Estímulo, pelo conjunto dos seus trabalhos e “pela sua contribuição ao panorama das Artes e da Cultura do país”.

Além das apresentações de seus espetáculos, o SOBREVENTO desenvolve diversas atividades no campo do Teatro de Bonecos e de Animação, como a realização de Cursos, Oficinas, Palestras e Mesas-Redondas, tanto no Brasil como no exterior. Realizou, também, duas Mostras Internacionais de Teatro de Animação no Rio de Janeiro, em 1992 e em 1995, e foi diretor artístico do Primeiro Festival Internacional de Teatro do Rio de Janeiro - Rio Cena Contemporânea, em junho de 1996 e curador do Festival SESI BONECOS DO MUNDO, realizado em Brasília (2005), em São Paulo (2006), em Manaus (2007), em Recife (2008) e em Brasília (2009), do Festival SESI BONECOS DO BRASIL, realizado em diversas cidades das regiões Sudeste e Sul, entre agosto e setembro de 2006. Também fora dos Festivais que organizou, foi responsável pela vinda e pela circulação pelo país de diversas companhias estrangeiras de Teatro de Bonecos. Atualmente é curador do Festival Internacional de Teatro de Objetos - FITO realizado em diferentes capitais do país, desde 2009. Em 2003, 2004, 2006, 2008, 2012, 2014, 2016, 2017, 2020 e 2022 foi apoiado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Em 2010, foi patrocinado, por dois anos, pela Petrobras.

Os últimos espetáculos do Sobrevento foram Mozart Moments (1991), Beckett (1992), O Theatro de Brinquedo (1993), Ubu! (1996), Cadê o meu Herói? (1998), O Anjo e a Princesa (1999), Brasil para Brasileiro Ver (1999), Submundo (2002), O Cabaré dos Quase- Vivos (2006), O Copo de Leite (2007), Orlando Furioso (2008), Meu Jardim (2010), Bailarina (2010), A Cortina da Babá (2011), São Manuel Bueno, Mártir (2013), Sala de Estar (2013), Eu Tenho uma História (2014), Só (2015), Terra (2016), Escombros (2017), Noite (2019), O Amigo Fiel (2019), Pérsia (2022), Pra lá de Teerã (2022), Cadê o Sobrevento? (2023) e Para Mariela (2024). Dirigido, ainda hoje, por Luiz André Cherubini e Sandra Vargas, seus fundadores, o Grupo Sobrevento é reconhecido, nacional e internacionalmente, como um dos maiores especialistas brasileiros em Teatro de Animação e uma das principais Companhias estáveis de Teatro do Brasil.



Abordando o mundo da imigração – sonhos e esperanças de um recomeço, bem como as memórias de uma vida deixada para trás – Para Mariela celebra os 38 anos de atividade do Grupo Sobrevento. O espetáculo trata da busca de um mar utópico a partir do trabalho e da construção de uma vida simples. Ao longo de 18 meses, o Sobrevento visitou Escolas, Centros de Imigrantes, ONGs e diversas organizações vizinhas à sua sede – tudo para se abrir à população do entorno e descobrir as histórias encerradas nos poucos objetos de afeição que essas pessoas guardam. A partir de histórias contadas pelas crianças da vizinhança - muitas delas de origem boliviana - o Sobrevento pôde entender um pouco melhor a realidade que os envolve e os sonhos que os acalantam. E, ao mesmo tempo, conseguiu reconhecer e compreender melhor a si mesmo.

O espetáculo foi realizado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura e estreou em setembro de 2024 no Espaço Sobrevento.

A BOLÍVIA E O SEU MAR

Para representar essa realidade, o coletivo explorou músicas e sonoridades de diferentes regiões da multicultural Bolívia. Esses elementos revelam, aos poucos, o próprio ambiente do espetáculo e a busca do mar perdido, que simboliza tanto os sonhos de um futuro mágico quanto a infância deixada para trás. A Bolívia possui uma Cultura rica e profunda, com fortes ligações com as nossas idiossincrasias: um mar bonito, azul e sonoro que nos envolve em suas correntezas e nos leva a dançar com ele, quando suas águas tocam os nossos pés.

AMADURECER RUMO À INFÂNCIA

O Grupo acredita na ideia de “amadurecer rumo à infância”, evocada pelo escritor polonês-ucraniano Bruno Schulz. Dessa forma, influenciado por sua pesquisa em Teatro para Bebês e Teatro de Objetos, o Sobrevento optou por utilizar uma linguagem simples e uma estética apoiada em elementos cotidianos, como mochilas, bichinhos de pelúcia e até uma garrafa d’água, que, a partir do olhar das crianças, possibilitam entendimentos

muito profundos do mundo. O Sobrevento confia no caráter poético dos objetos que guardam afetos e nas histórias que deles emanam. O Grupo sonha promover a comunhão de adultos e crianças, cultivando encontros acolhedores e atrativos para todos: uma lição aprendida com a própria história do Teatro de Bonecos e dos Teatros Populares. E, por esse motivo, Para Mariela – como uma celebração das memórias e afetos que unem adultos e crianças – destina-se a um público de idades variadas, diluindo diferenças etárias e provocando uma reflexão sobre o que, de fato, nos separa uns dos outros e o quanto, ao longo da vida, precisamos não nos afastar, mas nos aproximar do começo dela, onde o que é mais importante e precioso continua intacto.

SINOPSE

"Para Mariela" comemora os 38 anos do Sobrevento com uma reflexão sobre os sonhos de uma vida simples e a complexidade da imigração. O espetáculo explora a busca por um mar utópico, símbolo da infância e dos sonhos perdidos. Baseada em histórias de crianças imigrantes bolivianas da comunidade local, a peça utiliza uma linguagem simples e objetos cotidianos para criar uma narrativa poética e envolvente. "Para Mariela" é uma celebração das memórias e afetos que unem adultos e crianças em um encontro artístico profundo e universal.

Para todas as Marielas



516 8 0

A construção poética do espetáculo "Para Mariela", do Grupo Sobrevento
23 - setembro - 2024 | Texto de: Bob Sousa | Fotografia: Lauro Medeiros

"Para Mariela," nova criação do Grupo Sobrevento, celebra os 38 anos da companhia com uma poética abordagem sobre o sonho de uma vida simples e as complexidades da imigração. O espetáculo, dirigido por Luiz André Cherubini e Sandra Vargas, com as presenças de Maurício Santana, Agnaldo Souza, Liana Yuri e Daniel Viana, mergulha nas histórias e afetos da comunidade imigrante boliviana no entorno do Espaço Sobrevento, e oferece uma experiência sensorial e emotiva através de uma narrativa visual rica e delicada.

A construção da visualidade é marcada por uma estética simples, mas profundamente simbólica, com a utilização de objetos cotidianos que carregam memórias e afeições. Canecas, bichos de pelúcia e garrafas d'água ganham um papel central, evocando as histórias de crianças e famílias imigrantes, e servem como veículos para a exploração das experiências de perda e busca por pertencimento. Esses objetos transcendem seu uso literal, tornando-se elementos poéticos que, nas mãos do elenco, dialogam com o universo emocional da peça e do público.

A cenografia, assinada por Luiz André Cherubini, contribui para a criação de um ambiente íntimo e imersivo, que reflete o mar utópico mencionado na dramaturgia. Esse mar, símbolo dos sonhos e da infância perdida, permeia a encenação, criando um espaço de suspensão entre o real e o imaginário, onde as personagens e objetos se movem em busca de uma existência mais simples e mágica. A simplicidade do cenário é um convite

à contemplação, remetendo ao desejo universal por uma vida mais leve, enquanto o uso de bonecos e máscaras, confeccionados por Agnaldo Souza, potencializa o caráter lírico da obra, reforçando a conexão entre o universo infantil e os sonhos adultos.

A proposta visual do espetáculo ecoa a máxima de Bruno Schulz sobre "amadurecer rumo à infância," explorando o potencial criativo e transformador dos sonhos e das memórias. Essa busca por uma infância perdida, tão presente nos relatos de crianças e adultos, é habilmente traduzida para o palco através da estética simples e da manipulação de objetos, criando uma ponte afetiva entre espectadores de diferentes idades.

Na encenação, a construção visual das casas e comunidades na areia do palco adquire um papel simbólico e poético, refletindo a fragilidade e a efemeridade da vida dos imigrantes, especialmente das crianças bolivianas cujas histórias inspiram a narrativa. A escolha de utilizar areia como base material para representar o cenário é significativa, pois sugere a instabilidade e a vulnerabilidade que marcam as vidas dessas populações em constante movimento, sujeitas a mudanças repentinas, como uma construção que pode ser levada pelo vento ou desfeita pelas ondas.

A areia no palco não é apenas um elemento cenográfico, mas um agente dramático que dialoga com a busca por um "mar utópico", tema central da peça. A imagem das casas e das comunidades erguidas na areia evoca a transitoriedade e os desafios de se estabelecer em um novo país, onde o terreno, tanto literal quanto metaforicamente, é incerto. Ao mesmo tempo, a areia pode simbolizar o sonho de uma vida mais simples, como sugerido pela proposta da peça, onde o cotidiano é construído a partir de elementos mínimos, mas repletos de afeto e significado.

Essa visualidade simples, que utiliza um material tão básico quanto a areia, também reflete a estética do Grupo Sobrevento, influenciada pelo Teatro de Objetos. Pequenos objetos de uso cotidiano ganham novas camadas de significado quando integrados a esse cenário arenoso, como se fossem memórias e afetos que se acumulam, mas que podem ser facilmente apagados ou deslocados.

A construção dessas casas e comunidades na areia reflete uma poética da resiliência. Mesmo em um ambiente de instabilidade, as personagens continuam a erguer suas casas, a construir suas comunidades e a nutrir seus sonhos. Esse gesto de criação, mesmo na precariedade, revela uma força interior e uma esperança de que, apesar das adversidades, é possível encontrar pertencimento, beleza e resistência nas coisas simples e no compartilhamento de afetos.

O pequeno ônibus que cruza territórios e carrega grandes sonhos é um dos símbolos mais poéticos e significativos da narrativa visual. Esse ônibus, que surge como um objeto aparentemente simples no palco, torna-se uma poderosa metáfora para a jornada dos imigrantes bolivianos retratados na peça e, ao mesmo tempo, para a travessia de sonhos e memórias que cada personagem carrega consigo.

O ônibus representa tanto o deslocamento físico quanto emocional dessas pessoas. Ele cruza fronteiras geográficas, carregando histórias, afetos e esperanças. Na dramaturgia não linear, ele simboliza a travessia de territórios de imigração e de infância, integrando as paisagens reais e imaginárias que compõem a peça. O mar utópico que as personagens

buscam pode ser visto como o destino final dessa viagem, um lugar de sonhos perdidos, mas também de um futuro possível.

A estética do Teatro de Objetos, tão presente na obra do Grupo Sobrevento, é essencial na transformação desse ônibus em um símbolo de resistência e esperança. Ele não apenas transporta personagens, mas também as histórias e os desejos que fazem parte da vida de cada um deles. O público é convidado a imaginar os territórios invisíveis que o ônibus cruza, desde as montanhas andinas da Bolívia até as ruas do bairro paulistano onde a peça foi concebida.

A iluminação de Renato Machado complementa essa construção visual ao trabalhar com sutileza as transições entre os diferentes momentos narrativos, criando atmosferas que oscilam entre o onírico e o real. As tonalidades quentes e suaves ajudam a evocar as paisagens da Bolívia, reforçando o elo emocional e cultural que atravessa a peça. O desenho de luz destaca os objetos e personagens em momentos chave, conferindo-lhes um ar de magia e nostalgia.

Outro aspecto essencial da narrativa visual é a presença da música ao vivo, interpretada por Goyo no charango e Lolo no violão e flautas. A sonoridade andina e chaquenha, supervisionada por Juan Cusicanki, não apenas complementa a ambientação, mas também ressoa com a memória afetiva das personagens. As músicas e canções adaptadas por Cherubini conferem ao espetáculo uma atmosfera culturalmente rica e vibrante, contribuindo para a imersão do público no universo dessas histórias.

A dramaturgia de Sandra Vargas se constrói de forma não linear, conectando fragmentos de relatos da população imigrante do bairro, especialmente das crianças bolivianas. A ausência de uma narrativa tradicional linear é preenchida pela potência dos objetos e pela exploração da memória, da saudade e da esperança. O mar, presente em todas as camadas da encenação, surge como uma metáfora para os sonhos que, embora distantes, continuam a guiar as personagens e o público.

O encantamento das crianças tanto no público quanto na construção narrativa é um dos elementos centrais da proposta artística. Desde a concepção da peça, a relação com as crianças imigrantes da vizinhança – em sua maioria bolivianas – moldou não apenas a temática, mas também o tom sensível e a estética da montagem. O encantamento surge como um fio condutor que une os mundos das memórias, dos sonhos e da busca por uma vida mais simples.

Na narrativa, a perspectiva infantil desempenha um papel crucial, principalmente no resgate da "infância perdida" e da esperança de um futuro mágico, simbolizado pela busca do mar utópico. As histórias das crianças imigrantes são entrelaçadas na dramaturgia, revelando suas aspirações, medos e fantasias. Essas histórias foram coletadas durante um longo período de imersão do grupo em escolas e comunidades ao redor do Espaço Sobrevento, criando um vínculo genuíno entre o espetáculo e a realidade vivida por essas crianças. Esse processo de escuta e troca direta fez com que o encantamento das crianças fosse incorporado como uma camada narrativa essencial, e não apenas como um tema externo.

No palco, esse encantamento se traduz na simplicidade poética da cenografia e nos objetos cotidianos que ganham vida e profundidade, como bolas, canecas, bichinhos de

pelúcia e garrafas d'água. Esses itens, que para as crianças têm um valor afetivo e imaginativo profundo, ajudam a construir o universo lúdico e sensorial do espetáculo. O Grupo Sobrevento, com sua expertise no Teatro de Objetos, consegue transformar esses elementos em agentes narrativos, permitindo que o público, especialmente o infantil, se conecte imediatamente com o que está sendo contado.

O encantamento também está presente na construção da narrativa final, quando o espetáculo culmina em uma reflexão sobre a infância e a busca de sonhos, representados pelo simbólico mar utópico. A narrativa não linear, que começa com as memórias da infância e vai se entrelaçando com os relatos de imigração, encontra seu ponto de convergência nesse olhar infantil. A peça, ao ecoar a ideia de "amadurecer rumo à infância", proposta pelo escritor Bruno Schulz, sugere que o reencontro com o encantamento da infância é, de fato, um ato de resistência à dureza da vida adulta e às adversidades enfrentadas pelos imigrantes.

A todo momento, o mar – tanto como símbolo da infância quanto dos sonhos de uma vida melhor – está presente. Esse imaginário que encanta as crianças e os adultos na plateia reforça a ideia de que, mesmo em meio às dificuldades, é possível sonhar, criar e manter viva a capacidade de encantamento. O Grupo Sobrevento consegue, assim, construir uma narrativa que, ao celebrar o olhar infantil, convida todos a lembrar a importância do sonho e da simplicidade na vida.

"Para Mariela" é um espetáculo que combina de forma sensível e inventiva o teatro de objetos, a cultura boliviana e a poesia do cotidiano. Através de uma linguagem visual marcada pela simplicidade e pelo afeto, o Grupo Sobrevento convida o público a refletir sobre os sonhos que movem a vida, especialmente em meio às adversidades da imigração. A peça é uma celebração da humanidade e dos vínculos que nos unem, independentemente das fronteiras.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador, crítico e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp, onde tem Mestrado em Artes, e jurado de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes e do Prêmio Arcanjo de Cultura

domingo, 29 de setembro de 2024

PARA MARIELA



O Sobrevento reinventa os tempos de delicadeza

Parafraçando o Seu Bertolt: Eu vivo nas cidades nos tempos de guerra, insegurança e violência. Eu vivo num tempo sem sol.

As pessoas andam tristes, cabisbaixas e olhando para o próprio umbigo em um individualismo assustador.

Mais ou menos nesse estado de espírito percorrendo de Uber essa cidade da qual restará apenas o vento que por ela perpassa (olha o Brecht de novo) chega-se ao aconchegante Espaço Sobrevento que fica muito perto do tenebroso templo de Salomão.

Crianças circulam brincando na frente do teatro e um público bastante simples aguarda o início do espetáculo Para Mariela, concebido, dirigido e interpretado pelo casal fundador do grupo há 38 anos, Sandra Vargas e Luiz André Cherubini.

O espaço cênico foi reformulado para o espetáculo: a plateia fica em volta de uma plataforma retangular coberta de areia que será o cenário do espetáculo.

Os atores vestindo macacões, no bolso dos quais vão tirando objetos que farão parte da cena, iniciam histórias que rememoram a infância passada na zona rural de um país. Boa parte dessas histórias foi recolhida pelo grupo com as crianças bolivianas que moram nas imediações do teatro. Ao formatar casinhas com a areia da plataforma eles vão

construindo uma cidade em clima que lembra uma atmosfera tchekoviana com longos silêncios e gestos lentos. Cabe notar que a grande quantidade de crianças presentes acompanha as cenas com muita atenção e em silêncio.

Os mais variados objetos vão surgindo em cena, material extremamente lúdico cuja manipulação é uma característica do teatro de objetos do Sobrevento.

Em clima nostálgico um homem comenta sobre a vontade de ver o mar que inexistia na Bolívia, o grupo canta uma canção enquanto há um desfile de objetos que podem ser encontrados no mar.

De repente, explode uma canção boliviana que vira o jogo do clima silencioso e meditativo para um clima de festa com desfile de máscaras e tipos do folclore boliviano. A participação das crianças da plateia é a coisa mais emocionante desse momento que cada um de nós sente um lampejo de esperança no futuro.

Certas cenas da peça me lembraram o bonito texto de Eduardo Galeano sobre um menino que não conhecia o mar e foi com o pai até ele. Ao chegar o menino deslumbrado com aquela magnitude e beleza olhou para o pai e disse: “Por favor pai, me ajude a olhar.” É isso que o espetáculo faz, nos ajuda a sentir a vida com mais paciência e mais esperança. Viva o Sobrevento!

PARA MARIELA está em cartaz de sexta a segunda às 20h até 14 de outubro. Ingressos grátis - reservas no email: info@sobrevento.com.br

Uma peça que evoca o mar: ao sabor das ondas, mas na segurança das velas

Em 'Para Mariela', que homenageia a vizinhança boliviana no entorno de seu teatro-sede, no Belenzinho, Grupo Sobrevento acerta no tom do que se convencionou chamar de "teatro para todas as idades" e leva o crítico ao choro e a escrever uma crítica incomum, aos borbotões de espontaneidade



Fotos: Lauro Gomes/Divulgação

Dib Carneiro Neto

1.º de novembro de 2024

Tanto que se fala ultimamente sobre fazer teatro para todas as idades. Tanto. E eu já incorporei o discurso, nem sei se devia, e já saio dizendo, assim no automático, claro, claro, tem razão, para todas as idades, quanto mais faixas etárias uma peça consegue atingir, mais completa ela é, e blá blá blá... E o imponderável do teatro, e a magia do teatro, e nem tudo é preciso ser entendido por todo mundo e blá blá blá... Palavras. Sim, são palavras. E elas compõem o universo da crítica teatral para falar de outras palavras, as que viraram gênero dramático, encenadas num palco, palavras como trilhos, palavras com asas, palavras como chão, palavras como sim e como não, palavras blá blá e blá. Palavras que pontificam dilemas, palavras que arregimentam verdades, palavras que bailam hipóteses. O ofício de um crítico. E blá blá blá.

E eis que, em meio a todo esse blá, blá e blá, surgem então: dois pontos: um grupo veterano com mais um espetáculo na carreira, uma casa-sede que abriga esse grupo, uma vizinhança em convívio com a trupe, e por fim essa peça que nasce para abraçar o seu entorno e retratar o visceral da relação teatro-cidade, teatro-bairro, teatro-comunidade. E o espetáculo vira uma potência explosiva, arrebatadoramente inebriante, que cala as palavras do crítico, para todas as idades?, cadê as palavras?, embota sua voz, trava a garganta e o faz abraçar o grupo aos prantos, ao final da apresentação, sem conseguir pronunciar palavra, cadê as palavras?, a norma culta de um crítico, cadê?, um parabéns que seja, um adjetivo que fosse... E isso é um crítico, perguntarão os detratores puristas? Chorando abraçado à atriz? Um crítico?!

Para Mariela, do Grupo Sobrevento, fez isso comigo. Tudo isso comigo. E eu vim aqui vomitar impressões, tentar recuperar palavras-conceitos-concretudes, afinal, tantos anos de treino, não é?, tanta tinta impressa em papel ao longo dos anos, não foi? Mas, alto lá, que o jorro ainda prevalece, os ecos penetrantes de um teatro-celebração chamado Para Mariela me envolvem ainda e me fazem então escrever assim, aos borbotões de espontaneidade – e em primeira pessoa, que audácia, sem isenção de crítico, como se houvesse no mundo essa tal de isenção. Que afronta pra academia. Em primeira pessoa, para regozijo dos meus detratores, defensores das críticas puristas, perpetradas sempre na terceira. Pessoa.

Mas me aprumo, veteraníssimo, na cadeira gasta de crítico resiliente que sou (essa sim uma palavra já gasta em tão pouco tempo, resiliente palavra) e hei de escrever agora, hei de escrever!, sobre Para Mariela. Essa celebração de um entorno, que tanto me emocionou. Os vizinhos do Sobrevento ganhando protagonismo. Em uma peça que nem infantil deveria ser, mas acabou sendo, como me disse o Luiz André Cherubini, ainda suado no figurino. Para todas as idades.

Tanto que se fala nisso... Mas o Sobrevento conseguiu – com todos os louvores – achar em Para Mariela esse tom certo, adequadíssimo, que cabe no rótulo “para todas as idades”. O espetáculo se acomoda em nós independentemente do volume de memórias já acumuladas. A contagem dos anos não lhe serve. Lembranças de afeto é que são as medidas estabelecidas e propostas – e essas atizam as crianças tanto quanto afagam gente grande.

Mariela é uma boliviana, vizinha da sede do Sobrevento, no Belenzinho. E disse certa vez para Sandra Vargas, fundadora, atriz e diretora, após ver um dos espetáculos do grupo: “Eu daria tudo para estar no seu lugar. Você faz teatro e o teatro é tão...” Parou aí, nesse “tão”, reticente, que é tão-tudo, tão eloquente. Nasceu assim um espetáculo. Um espetáculo para Mariela e seus conterrâneos bolivianos.

Ao longo de 18 meses, o Sobrevento visitou escolas, Centros de Imigrantes, ONGs e diversas organizações vizinhas à sua sede. Notou uma numerosa quantidade de imigrantes bolivianos. Notou uma população em situação de vulnerabilidade social. Notou que as crianças pediam para ir ao teatro. Surgiu então a ideia de despertar nesses vizinhos a vontade de contar relatos de suas vidas. Para tanto, o grupo indagava a todos sobre quais objetos eles ainda guardavam consigo como lembrança de uma pessoa, ou de uma época, de uma fase, de um acontecido. Fontes palpáveis de afeição. Daí surgiu Para Mariela, com dramaturgia de Sandra Vargas e direção dela e de Luiz André Cherubini, que também assina cenografia, direção musical, letras e adaptação das canções, além de ajudar na criação dos bonecos.

Não há linearidade de enredo. Existem fluxos. Existem blocos de narrativas. O público vai percebendo isso aos poucos, deixando-se levar por sucessivos encantamentos, querendo que a “viagem” não acabe mais. Querendo que a vida seja isso eternamente: uma peça infinita do Sobrevento sobre afeto. Tudo começa com o próprio Luiz André de bacia a postos, revolvendo nela os grãos evocativos de sonoridades do mar. Ele fica nessa cadência por mais de cinco minutos e o público faz um silêncio comovente, relaxante. Quer dizer que teatro é isso? Essa sensorialidade latente nos conduzindo ao vasto mar que nos habita? A peça toda usa o mar como fio condutor, tendo em vista que essa imagem

apareceu muito nos relatos coletados pelo grupo. Para Mariela, feliz título que também contém o mar dentro de si, pode portanto ser descrito exatamente assim como o grupo o descreveu em seu material de imprensa: “a busca de um mar perdido, que simboliza tanto os sonhos de um futuro mágico quanto a infância deixada para trás.”

E então os blocos de cenas começam a se perfilar: constroem uma aldeia inteira de areia, casa por casa, à vista do público, descrevendo os tipos de famílias que moram ali, moldando no barro seus laços, suas conexões, de porta em porta, de rua em rua, distâncias que na infância parecem eternidades. Risos empáticos são despertados na plateia, diante da simplicidade de um ‘Xô, passarinho, xô!’ E vem o bloco de memórias dos tempos de banco escolar: lápis de tabuada, concurso de desenho, escrever todo dia o mesmo cabeçalho no caderno, morar perto da escola. E uma frase é lançada de supetão: “Nem tudo o que a escola ensina é verdade.”

Depois desmancham a aldeia, depois derrubam as montanhas, depois penduram gaiola na escada, depois preenchem o espaço com objetos variados em fios suspensos (uma bola murcha, um unicórnio, uma caneca, uma garrafa de água, um dinossauro, um Pikachu), depois contam histórias relacionadas a esses objetos, depois uma miniatura de ônibus atravessa lentamente toda a área cênica ao som pungente de uma canção em espanhol, depois isso, depois aquilo, depois mais isso e mais aquilo. Depois, depois, depois... Uma sucessão de poesias cênicas em seu estado mais puro. Bom gosto extremo. Senso estético praticado na rédea curta. Exercícios de delicadeza.

Cena após cena, Por Mariela tem muito, muito mais do que isso tudo, culminando com a invasão final do palco por Goyo e Lolo, dois músicos bolivianos (flauta, tambor e charango) e o elenco do Sobrevento incorporando figuras míticas do folclore latino. Tudo arrepia, tudo se relaciona. O elenco, aliás, está iluminado, inspiradíssimo, com brilho os olhos, sempre em um registro contido de interpretação, com rostos, corpos e vozes buscando materializar os sentimentos mais imaterializáveis – e eles conseguem: Sandra Vargas, Luiz André Cherubini, Maurício Santana, Agnaldo Souza, Liana Yuri e Daniel Viana. Olham verdadeiramente nos olhos da plateia – e isso é fatal para detonar as bombas doces da empatia.

Mais algo a se dizer da forma mais inflamada possível: que casamento perfeito entre os desenhos de luz de Renato Machado e os figurinos de João Pimenta. A iluminação do espetáculo é magnífica, acolhedora, ampliadora, marcante de várias formas. Uma dessas formas é como a luz valoriza ainda mais a competência dos figurinos. A cena com Liana Yuri girando com um casaco salpicado de bolinhas brilhantes é antológica, explosivamente estética, luz e textura juntas. Há nos figurinos, aliás, uma perfeita compreensão do andamento dessa dramaturgia compartimentada, por assim dizer. Não há a menor ansiedade do figurinista em já mostrar tudo o que pode logo de cara – e ele pode muito. Se camadas vão aparecendo aos poucos na encenação, em suas roupas também despontam detalhes gradativamente, sobreposições impactantes. O elenco começa suavemente terroso, como a aldeia de areia, e só depois bordados e brilhos são incorporados, na hora certa, terminando em um colorido boliviano resplandecente nos minutos finais.

Curioso é participar dessa verdadeira celebração, que parece tão livre, fluida e espontânea, mas ao mesmo tempo perceber que a dramaturgia teve um pensamento sólido, uma pesquisa consistente e foi construída esquematicamente, em blocos coerentes, com um

roteiro todo controlado, todo amarrado. Contribui para essa proposta de narrativa regulada, mas não linear, a força evocativa do teatro de objetos, que o grupo domina tão bem. Mostrar para contar. O concreto descortinando lembranças. Há uma infinidade de simbolismos propostos nesses objetos, de novo camadas sobrepostas, mas tudo com agradável aparência de ritmo solto, de leveza vertiginosa, de brincadeira de quintal. Uma dramaturgia que, tendo selecionado o mar como disparador de situações/emoções, navega seu ritmo ao sabor das ondas, mas na segurança das velas. E, assim, sublime no conteúdo e na estrutura, essa dramaturgia escolhida nos leva junto com ela, junto com Mar-i-ela, na espuma abundante da memória.



CONDIÇÕES TÉCNICAS

A - Título:

PARA MARIELA

B - Público-Alvo:

Adulto. Todo público.

C - Espaço:

Palcos tradicionais ou salas alternativas.

Dimensões mínimas do espaço: 13m x 10m x 4m (altura)

D - Duração:

Duração do espetáculo: Cerca de 1h15.

Tempo de montagem: Cerca de 12h.

Tempo de desmontagem: Cerca de 4h.

E - Necessidades Técnicas - Pessoal e Equipamento:

Pessoal de apoio à montagem: 1 técnico de luz, 1 técnico de som e 2 carregadores.

Equipamento de luz: 6 moving par wash, 21 Fresnel, 8 ETC JR, 12 Locolights (PAR 56), 9 PAR #1 (VNSP), 12 PAR #2 (NSP), 10 PAR #5 (MFL), 26 PCs, 12 Parled RGBWA 12x18W.

Equipamento de som: Música ao vivo. 1 microfone over, 6 microfones sem fio: 2 headsets e 4 conexões para p10 (2 charangos, 2 violões). São necessárias mesa, 4 caixas de som como P.A. e 2 caixas de som como retorno (monitor).

Alimentação: Café e água durante a montagem. Caso houver atraso na montagem ou o local designado para as refeições for longe do teatro, providenciar lanche reforçado no próprio teatro.

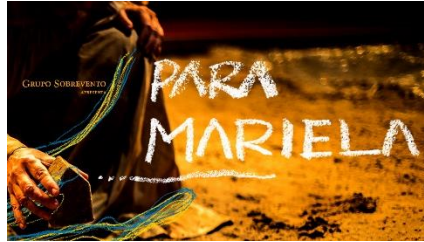
F - Transporte de Cenário - Composição, Dimensão, Peso:

O material pode ser transportado em um caminhão-baú. O elenco pode ser transportado em uma van em trajetos de até 300 km.

G - Elenco:

6 atores, 3 músicos, 1 iluminador, 1 técnico de som.

| | |
|-----------|--|
| Elenco: | Atores-manipuladores: Agnaldo Souza, Liana Yuri, Daniel Viana, Luiz André Cherubini, Sandra Vargas e Maurício Santana Músicos: Lolo, Goyo, Juan Cusicanqui Técnico de luz: Marcelo Amaral |
| Técnicos: | Marcelo Amaral (luz), Vinícius Soares (som) |



FICHA TÉCNICA

Criação: Grupo Sobrevento

Direção: Luiz André Cherubini e Sandra Vargas

Dramaturgia: Sandra Vargas

Elenco: Sandra Vargas, Luiz André Cherubini, Maurício Santana, Agnaldo Souza, Liana Yuri e Daniel Viana

Músicos: Goyo (charango), Lolo (flautas) e Juan Cusicanqui (percussão)

Iluminação: Renato Machado

Figurino: João Pimenta

Assistente de Figurinos: Jaqueline Lima e Sofia Duarte

Cenografia, direção musical, letras e adaptação das canções: Luiz André Cherubini

Cenotecnia: Agnaldo Souza

Máscaras e adereços: Agnaldo Souza, Liana Yuri e Mandy

Bonecos: Agnaldo Souza e Luiz André Cherubini

Assistências confecção bonecos e máscaras: Mosaico Cultural e Giuliana Pellegrini

Supervisão Música Boliviana: Juan Cusicanki

Técnico de Iluminação: Marcelo Amaral

Programação Visual: Marcos Corrêa | Ato Gráfico

Fotografia: Lauro Medeiros

Registro Audiovisual e Teaser: Icarus Filmes

Produção Executiva: Maurício Santana



ENDEREÇOS

ESPAÇO SOBREVENTO
R. Coronel Albino Bairão, 42
Metrô Bresser-Mooça – São Paulo – SP

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
R. Tenente Azevedo, 104/201-A
01528-020 – São Paulo – SP

TELEFONES

ESPAÇO SOBREVENTO
(11) 2692-1549

CELULARES / WHATSAPP
(11) 99237-5132
(11) 96625-8215

INTERNET

CORREIO ELETRÔNICO
grupo@sobrevento.com.br

SÍTIO
<http://www.sobrevento.com.br>

REDES SOCIAIS
<https://www.facebook.com/sobrevento/>
<https://www.instagram.com/sobrevento/>
<https://www.youtube.com/@sobrevento>